

Conclusão

Em 2003 Caco Coelho realizou na PUC –Rio um Seminário onde foram analisadas e discutidas reportagens policiais recuperadas através de ampla pesquisa, algumas delas reunidas hoje em *O Baú de Nelson Rodrigues*. Ao decidir fazer minha dissertação sobre tais reportagens, selecionei algumas delas para ilustrar e analisar as obsessões de Nelson que já se faziam presentes em sua juventude. Apesar de algumas reportagens não estarem assinadas por Nelson, procurei mostrar através de comparações, principalmente com os contos de *A vida como ela é* que, tudo indica, foram escritas pelo autor. Como analisei, a obsessiva relação entre amor e drama característica de seus contos, romances e peças teatrais já era dominada pelo jovem repórter de polícia nas primeiras reportagens, assim como também já estava presente o uso excessivo de adjetivos, muitos deles inesperados, e as metáforas.

Observando as reportagens policiais, percebi que seria interessante analisar o contexto e período em que elas foram escritas, o que me levou consequentemente à necessidade de analisar o jornalismo policial. Estava colocada então a minha primeira dificuldade: encontrar material sobre a história do jornalismo, mais especificamente sobre o jornalismo policial. Depois de muito pesquisar, vi que, para minha surpresa, quase não havia material a respeito. Mais especificamente, havia apenas um livro sobre a história do jornalismo e algumas poucas informações na internet, na maioria pequenas citações tiradas de entrevistas com jornalistas. Informações mais específicas como a linguagem característica, como eram feitas as reportagens, a diagramação, as ilustrações, as regras (ou a falta delas), a publicação dos folhetins (muito comum em outras épocas), a aproximação com a literatura, etc, nada disso consegui encontrar. O que mais me ajudou nessa área foi a tese de doutorado de Carlos de Aquino (Aquino, 2002) sobre o estudo do mito do bandido urbano no cinema brasileiro. Nela pude ler entrevistas com antigos repórteres de polícia que contam como era o jornalismo nos anos 60 (o jornalismo desse período era posterior ao do período em que as reportagens analisadas foram publicadas, mesmo assim, possuem semelhanças de estilo).

Assim, através da comparação entre o jornalismo policial que era feitos nos anos 20, 30 e 40, e o feito nos dias de hoje, foi possível identificar suas principais características. Outras fontes de informação foram os jornais populares como *Povo* e programas policiais de rádio (*Programa Raul Gil*, *Patrulha da Cidade*) e televisão (*Cidade Alerta*) que, além de me apontarem algumas diferenças, mostram como ainda hoje existem veículos que apresentam semelhanças com o antigo jornalismo policial, caracterizado por mesclar realidade e ficção. Voltados para as camadas mais populares, tais programas de vertente sensacionalista apelam para o gosto mórbido dos espectadores, atraídos pela desgraça alheia e, de certa forma, são representantes da permanência do antigo estilo do jornalismo policial. Principalmente na televisão, o mau gosto e o grotesco se destacam e fazem sucesso. Nelson lembra em *A menina sem estrela*, de uma reunião em que compareceu onde se discutia o baixo nível da televisão brasileira e afirma: “Acusamos o nível das emissoras e ninguém fala do nosso. Há uma reciprocidade de níveis. A televisão é assim porque o telespectador também o é. Uma coisa depende da outra e as duas se justificam e se absolvem” (Rodrigues, 2002, p.225). Enfezado com as discussões acarretadas por uma campanha nacional por uma televisão mais “civilizada”, mais “cult” feita nos anos 70, Nelson não admitia o estabelecimento pela intelectualidade, do que deveria ser classificado como bom ou mau gosto. Nelson declara que não se fale sobre o que é o bom gosto: “*É uma qualidade de classe? Depende do automóvel do sujeito, das jóias de sua mulher, de suas contas bancárias? Ou será o bom gosto sem tostão dos intelectuais? Mas esses não passam de uns suburbanos. De qualquer maneira, assim como as classes têm o seu bom gosto, também o brasileiro, o torcedor do Flamengo, o crioulo, têm o seu, por que não?*” (Rodrigues, “Aristóteles adoraria Chacrinha”, in: *O Remador de Ben-Hur*, 1996).

Vimos que as principais diferenças entre o antigo jornalismo policial e o atual estão na escassa violência do Rio antigo e a ausência de regras e ética, levando o repórter a apelar para a criatividade e a imaginação. A falta de objetividade, imparcialidade e clareza fazia com que o jornalismo se aproximasse da literatura, e mais especificamente no caso do jornalismo policial, da literatura popular. Tragédias, acidentes, assassinatos e traições eram os ingredientes característicos. Nelson afirmava que jornalismo e literatura eram muito próximos, apresentando características bastante semelhantes. Já em suas primeiras notas

como repórter policial “inundou de fantasia” as ocorrências. “Eu não via nenhuma semelhança entre literatura e jornalismo. Já ao escrever o primeiro atropelamento, me comovi como se fosse a minha estréia literária” (Rodrigues, 2002, p.245). Nelson lembra da primeira tragédia que relatou em que, ao sentar-se para escrever, imaginando os motivos que levaram ao crime (o assassinato de um homem, cometido por sua esposa), logo acrescentou a expressão “apoteose de sangue”. A partir daí, ele não parou mais: “A ‘apoteose’ foi o meu afrodisíaco autoral. Horas depois, ainda comovido, fui para casa. ‘Apoteose de sangue’, repetia para mim mesmo. Pela primeira vez, me sentia um grande escritor” (idem). Se hoje o jornalismo se caracteriza pela objetividade, o antigo jornalismo permitia a utilização exagerada de adjetivos e exclamações. Nelson, particularmente, se preocupava com as metáforas: “Fui um autor correndo, ofegante, atrás das metáforas mais desvairadas” (Rodrigues, 2002, p.245). E, de fato, como vimos, sua “busca” se iniciou desde os tempos de repórter. Foi nesse ambiente que Nelson surgiu, toda sua obra dramática nasceu ali, no início da profissão como repórter policial.

No entanto é importante ressaltar que, não foi o jornalismo policial que o tornou “maldito”, mas suas obsessões. Mortes, roubos e atropelamentos eram relatados na notícia policial. Mas as causas, motivos e histórias mirabolantes de Nelson eram que chamavam a atenção. Os temas obsessivos relacionados a infidelidades, traições e incestos marcaram Nelson. O jovem repórter não denunciava a violência da cidade, mas a pequenez do ser humano, a podridão da família burguesa. Apesar de seus textos apresentarem ingredientes populares como amor, crimes e assassinatos, os personagens retratados são ambíguos, não são inteiramente bons, nem inteiramente maus. São como os personagens que apareciam nas notícias policiais: o vizinho que rouba, a esposa que trai, o funcionário que mente. São as pequenas histórias, passadas não em algum lugar distante, mas ali, logo ao lado, na casa do vizinho. Seus costumes e atividades do dia a dia são apresentadas sem pudor por Nelson que não deixa escapar os mínimos detalhes, por mais de mau gosto que sejam. Vimos que a opção estética pelo mau gosto era uma de suas marcas características, principalmente nos contos de *A vida como ela é*, retratando o universo de adúlteras, suicidas, funcionários, arquitetos, santos e canalhas. Boa parte das histórias e personagens eram tirados de sua própria vida, de sua infância vivida na Aldeia Campista: “Como se sabe,

qualquer rua tem a diversidade de um elenco de circo. Há de tudo nos seus portões, janelas, quartos, salas, alcovas e varandas. Assim era a rua Alegre” (Rodrigues, 2002, p.263). Ao ser perguntado sobre suas lembranças que muito pareciam com *A vida como ela é*, Nelson se justificou que, a verdade era que “todos os sonhos da carne e da alma estão em *A vida como ela é*” (Rodrigues, 2002, p.267). A inspiração tirada do cotidiano resultava em histórias que tinham a aparência de realidade, mas carregadas de drama e tragicidade. De uma cena inicial de um velório, as histórias se transformavam em casos de adultério descobertos e traições jamais imaginadas.

O universo retratado por Nelson nas reportagens está repleto de “fantasias” trágicas acrescentadas para atrair o leitor. Se por um lado temos o mau gosto característico, por outro temos a essência da notícia policial que por si só é trágica. Em se tratando de ocorrências policiais, não poderia ser diferente. A secção policial era o espaço menos nobre do jornal que, por si só já era considerado um produto inferior.

Nelson lidava com o que havia de mais *trash* no jornal quando escreveu as matérias policiais. Pactos de morte e suicídios eram relatados tendo como pano de fundo histórias exageradamente dramáticas, na maioria das vezes inventadas. Nelson declarou que antigamente os tempos eram mais dramáticos e o repórter se envolvia mais com os acontecimentos. Ao comparar a antiga imprensa com a moderna, afirma que hoje, o repórter age e reage como um marginal do acontecimento. Antigamente, no entanto, o profissional sofria o fato na carne e na alma: podia morrer ao cobrir um incêndio e se afogar se era um naufrágio. A necessidade do “furo” fazia com que corresse para a rua repórter e fotógrafo (aliás, muitas vezes apenas o fotógrafo), na busca do acontecimento, no momento mesmo de sua explosão. Fotografias de mortos eram comuns, ao contrário de hoje onde, segundo Nelson, “defunto só no caixão e bem vestido como um mordomo de filme policial” (Rodrigues, 2002, p.199). Nelson lembra do episódio de suicídio de casal de namorados onde o jornal estampou um primeiro plano das caras comidas pelos urubus. Hoje, imagens como essa já não são mais estampadas nos jornais, com exceção talvez de jornais populares sensacionalistas, como vimos ao analisar o jornal *Povo*.

Não apenas a secção policial como todo o jornal era mal visto, principalmente no período das transformações vividas pelo jornalismo na *Belle*

Epoque. Com o advento da indústria cultural, o jornal passou a ser visto como um veículo “menor” pelos literatos. Escritores que não conseguiam sobreviver apenas de sua literatura, se viam obrigados a escrever para os jornais. Assim como a literatura de massa era (ainda é) desqualificada por críticos literários, outros meios como o jornal eram rejeitados. A publicação de romances-folhetim, notícias policiais e crônicas curtas não era bem vista não apenas por suas qualificações literárias, mas pela sua forma de produção e circulação realizada através do jornal. Qualquer escrita vinculada aos meios de comunicação de massa e à cultura de massa em geral não é considerada pela crítica literária (Borelli, 1996. p.41).

Se hoje tal visão já não é a mesma (pelo menos com relação a alguns determinados jornais), ainda assim a efemeridade da notícia jornalística faz do jornal um produto descartável, jogado fora no dia seguinte. A reportagem de ontem já não tem a mesma importância ou impacto. Assim como acontece com os produtos considerados característicos da indústria cultural, o consumo do jornal é imediato. Seja com o objetivo de entretenimento ou de informação, a notícia jornalística tem um curto tempo de “duração”: ela é fruída naquele determinado momento da leitura. O “furo” jornalístico tem importância no instante em que é publicado, em primeira mão, por um jornal. Depois, já não importa tanto se outro jornal publicou tal furo: é o privilégio do momento, do efêmero. Esta é como vimos, a principal diferença entre o antigo jornalismo e o atual. Antigamente, era o furo de reportagem que movia o repórter e que o fazia, muitas vezes, a até mesmo se antecipar à ação da polícia. O contrário se dá com o livro, exaltado pela intelectualidade como espaço sagrado e aurático.

Infelizmente, não parece haver uma valorização o suficiente do jornal no país para que se tenha por exemplo uma história do jornal e do jornalismo. Ou talvez o problema também esteja na pouca importância que se dá ao resgate da memória do país, pois o jornal é exatamente isso. Ao observarmos as notícias de outros períodos, os acontecimentos marcantes e os personagens envolvidos, entramos em contato com a história do país. Ao analisarmos as reportagens de Nelson, estamos realizando também um trabalho de resgate, não apenas do autor e sua obra, mas de um Rio antigo e até mesmo da história da imprensa brasileira. Tal lacuna da história do jornalismo precisa ser inevitavelmente preenchida, auxiliando no trabalho de estudantes e profissionais da área.

Para que fosse realizada uma história do jornalismo seria importante a pesquisa de fontes primárias como jornais e revistas. No entanto não há no país uma tradição de pesquisa e, raras são as que consideram tais fontes. Felizmente, Caco Coelho resolveu, pacientemente, enfrentar todas as dificuldades e pesquisar nos jornais, recuperando as reportagens policiais de Nelson. Ele abriu as portas para futuras pesquisas relacionadas aos textos de Nelson que, certamente, são muitos. Provavelmente existem muitos ainda não descobertos e publicados, principalmente os da coleção de *A vida como ela é*, que eram publicados diariamente no jornal *Última Hora*, de Samuel Weiner. Durante dez anos, de 1951 a 1961, Nelson criou quase 2 mil histórias de amor e traição que o tornaram popularíssimo. Publicados junto à secção policial, a temática se confundia com a das reportagens, reforçando as semelhanças entre ambas. Apesar de o terem tornado popular, os contos consolidaram a reputação de “tarado”, já atribuída por suas peças teatrais.

Nelson escrevia regularmente, desde os quinze anos de idade, o que nos leva a crer que ainda há muito a ser descoberto. O autor jamais abandonou o jornal, tendo escrito não apenas reportagens e críticas, mas também folhetins como os publicados no *Flan*. Uma das séries escritas foi “Pouco amor não é amor” onde, a cada semana, uma pequena história, aos moldes de *A vida como ela é*, era apresentada. E, o que é mais importante, seu estilo obsessivo sempre esteve presente. A apreciação por adjetivos e metáforas como vimos, são identificadas desde seus primeiros textos. Expressões como “feroz mutismo”, “silêncio obtuso” e “impacto medonho” são algumas das mais utilizadas. A idéia que o autor passava ao público de “ignorantão”, intuitivo, não era de forma alguma verdadeira. Nelson lia, e lia muito, desde bula de remédios até os clássicos. Na adolescência passava os dias lendo tudo o que lhe caía nas mãos. Não é à toa que escreveu críticas literárias, como a sobre Zola (publicada em *A Manhã*, em 1928), e durante anos foi crítico de ópera, apresentando sempre uma linguagem rebuscada.

Mas seria seu estilo de escrever uma característica comum à família? Até que ponto as reportagens que analisamos poderiam ser de outro Rodrigues? Essa poderia se tornar uma bela pesquisa, a reunião e análise dos textos de Nelson, o pai Mário Rodrigues e seus irmãos que, desde cedo trabalharam no jornal da família. Através de um estudo minucioso dos jornais em que trabalharam, como

Crítica, seria possível identificarmos adjetivos e expressões mais utilizados, comparando-os e traçando um estilo que seria talvez característico de todos. Observando as manchetes do jornal, vemos o exagero dramático estampado em frases acusatórias assim como as ilustrações impressionantes de Roberto. A convivência desde cedo com jornalistas e a redação de jornal possivelmente influenciou não apenas em suas trajetórias profissionais, como na maneira de pensar.

O gosto pelo mórbido pode ter nascido dali, do ambiente heterogêneo da redação e da relação diária com o drama e a tragédia humanas. O ambiente das velhas redações exerceu, pelo menos em Nelson, uma grande fascinação: *“De um lado tínhamos os funcionários da casa, redatores, repórteres, contínuos; de outro lado, todo um elenco de visitantes estranhíssimos. Essas caras, que não paravam de entrar, de sair, tornavam a vida do jornal cálida como um sonho”* (Rodrigues, 2002, p.269). É claro que não podemos esquecer da influência das tragédias vividas dentro da família, com os períodos de necessidade financeira, fome, acidentes, a tuberculose, o assassinato do irmão, Roberto, a morte do pai, Mário e o nascimento da filha cega.

Marcado por tudo isso, Nelson se sobressaiu por sua escrita. Considerado “canalha”, “tarado” e “maldito”, fez de suas obsessões a matéria prima de sua obra. Chamado de “flor de obsessão” não negava que as tivesse. Admitia seus defeitos e os prezava, afirmando que todo ser humano tem algumas idéias fixas na cabeça. “Só os imbecis não as têm”. A morbidez o acompanhava desde cedo (aos três anos viu quatro cegos tocando violino na rua em que morava e a partir daí, a cegueira se transformou em uma de suas idéias fixas) fazendo com que, aos quatorze anos, iniciando o trabalho no jornal, estivesse já formado, inteiro, em sua linguagem e obsessões. O caminho para suas obsessões nos foi aberto com a descoberta de suas reportagens e serve de estímulo agora, para que mais investigações sobre Nelson sejam feitas.

O estudo que procurei apresentar da temática e linguagem das reportagens e contos de Nelson pode ser o começo para outras análises, principalmente de sua prosa. Até hoje, o que vemos são trabalhos sobre a dramaturgia, exaustivamente analisada. O que talvez mais sabemos da obra jornalística são relativas às famosas crônicas sobre futebol. Lembro que quando comecei minha dissertação, ao me perguntarem sobre o que estava escrevendo, a resposta Nelson Rodrigues

imediatamente levava a comentários elogiosos sobre como seria interessante um estudo sobre o teatro do autor. Logo eu respondia que não, não seria um estudo sobre sua dramaturgia, mas sobre o jornalismo. “Jornalismo? Que ótimo! Suas crônicas sobre futebol são realmente muito boas!”. Definitivamente percebi que minha decisão tinha sido a melhor: estudar o jornalismo policial de Nelson, algo ainda pouco conhecido e pronto para ser explorado.

Os possíveis estudos sobre Nelson também apontam para a direção dos contos de *A vida como ela é* que, depois da dramaturgia, certamente são os mais populares. A coleção foi recentemente publicada, a partir de 2001, por Rui Castro, através da Companhia das Letras. Uma análise minuciosa voltada especificamente para os textos, os adjetivos mais usados, as expressões características, os temas dominantes, contribuiria para aumentar o conhecimento do público sobre o estilo de Nelson. A mistura de comédia e tragédia vista na simplicidade do cotidiano da família chama a atenção por mesclar aspectos da realidade e do mais típico melodrama.

Na introdução de Caco Coelho, no *Baú de Nelson Rodrigues*, ele afirma que sua pesquisa é uma contribuição que tem o desejo de estimular a investigação sobre Nelson, de que se vá adiante no desbravamento do escritor que tanto contribuiu para a consolidação da literatura genuinamente brasileira. Procurei ao longo de minha dissertação contribuir alguns pequenos passos para tal investigação, assim como para quem sabe, desfazer um pouco o preconceito que sabemos existir sobre o autor.